UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PEDAGOGIA

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM: EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS

ANA CRISTINA DA SILVA OLIVEIRA TORRES
Matrícula n° 12/0109620

BRASÍLIA, DF

2016

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PEDAGOGIA

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM: EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS

ANA CRISTINA DA SILVA OLIVEIRA TORRES

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Drª.Sônia Marise Salles Carvalho.

BRASÍLIA, DF

2016

TERMO DE APROVAÇÃO

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NAS CRIANÇAS: EXPERIÊNCIA EM ESCOLA PÚBLICA

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

_____

Drª. Sônia Marise Salles Carvalho (Orientadora)

_____

_____

Brasília, DF

2016

DEDICATÓRIA

Dedico estre presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ao meu Deus por ter me concedido a honra e privilégio de chegar até o presente momento; a minha família pelo apoio e dedicação em todos os momentos da minha vida; ao meu esposo pelo carinho e compreensão; e aos meus amigos por me ajudar e me incentivar sempre.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente ao Deus da minha vida, que me proporcionou o privilégio de ter chegado até o presente momento. Dando-me uma família incrível, um esposo maravilhoso e amigos compreensíveis e excelentes.

Agradeço ao meu pai o Sr. Francisco Assis de Oliveira, um dos meus maiores incentivadores e por ser esse pai fabuloso. A minha mãe Sra. Noeme Pereira da Silva Oliveira, essa mulher guerreira e minha maior torcedora. Aos meus irmãos Cristiane da Silva Oliveira e Diógenes da Silva Oliveira, meus companheiros e amigos.

Ao meu esposo Gabriel Torres Silva pela sua compreensão e apoio quando pensava em desistir ele me incentivava a continuar. Pelas tantas vezes que ficava me esperando por quase quatro horas no estacionamento da Universidade de Brasília, para que não precisasse voltar pra casa de ônibus sozinha, depois de um longo e cansativo dia de serviço. Muito obrigada por ser esse amigo e companheiro de caminhada.

À minha família pela compreensão dos momentos de ausência. Aos meus amigos que me apoiaram, não posso citar nomes para não ser injusta com ninguém.

Aos professores maravilhosos que tive na UNB, por serem exigentes e despertar em mim o desejo de ser cada vez mais uma profissional melhor.

À minha orientadora a Dra. Sônia Marise Salles Carvalho, pela oportunidade de participar de um projeto tão importante que são os projetos de cunho social.

Agradeço à Banca Examinadora pela oportunidade de crescimento no aspecto de enriquecer meu Trabalho de Conclusão de Curso, e assim sendo meu desenvolvimento educacional.

APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso de graduação do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília está dividido em três partes: memorial, trabalho monográfico e perspectivas profissionais.

O memorial foi escrito sobre um breve histórico sobre minha trajetória de vida e educacional. Desde o meu nascimento até o presente momento.

A segunda parte, o trabalho monográfico é formado por três capítulos. No primeiro capítulo, aborda-se sobre conceitos de autonomia e aprendizagem. No segundo capítulo traça-se uma discussão sobre o papel do professor e da escola. No terceiro, trata-se especificamente sobre conceitos de jogos, brincadeiras e brinquedo.

Na terceira parte apresentam-se as perspectivas profissionais, onde esboço um pouco sobre meus sonhos e anseios para o futuro nas perspectivas pessoal e profissional.

Para rematar, as considerações finais.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho é sobre a questão da utilização de meios lúdicos no processo de ensino/aprendizagem. O tema refere-se sobre o lúdico, jogos, brincadeiras e brinquedo como recursos didáticos para o desenvolvimento da autonomia no indivíduo. Discorrer sobre a importância da prática lúdica como recurso facilitador da aprendizagem, baseada numa análise empírica e intervenções pedagógicas realizadas em duas escolas públicas, uma localizada no Paranoá-DF e outra em Santo Antônio do Descoberto-GO. De modo que a utilização de atividades lúdicas proporciona uma aprendizagem de forma prazerosa, dinâmica e autêntica. Existe no trabalho relatos de experiências referentes à aplicação de jogos e da utilização de materiais didáticos visando o processo de ensino/aprendizagem ser de forma divertida, no qual as experiências foram bastante positivas. Foi feita a observação da aplicação dos materiais didáticos e lúdicos e partir disso as análises dos resultados.

Palavras chaves: Aprendizagem. Lúdico. Jogos. Brincadeiras. Educação Infantil. Autonomia

SUMÁRIO

PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO.....10
PARTE II– A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM: EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS.....16
INTRODUÇÃO.....17
CAPÍTULO 1: Reflexão sobre Educação.....19
1.1 REFLEXÃO SOBRE APRENDIZAGEM E AUTONOMIA 19
1.2 O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR NO PROCESSO DE ENSINO/ APRENDIZAGEM.....27
CAPÍTULO 2: O LÚDICO POR MEIO DO JOGO E BRINCADEIRAS.....32
2.1 BRINCAR E BRINCADEIRAS.....32
2.2 O Jogo.....35
CAPÍTULO 3: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....39
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 49
PARTE III - PERSPECTIVA PROFISSIONAL 50
REFERÊNCIAS.....51
ANEXOS.....53

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

MEMORIAL

No momento em que estava escrevendo o presente memorial tive a oportunidade de fazer uma ponderação sobre mim, da minha vida escolar até o ingresso na Universidade de Brasília no curso de pedagogia. Reflexão esta que fazemos tão pouco na qual é de extrema importância, pois faz-nos meditar sobre a nossa prática, sonhos e frustações.

Nasci em 03/12/1989, em Diadema - São Paulo. Fui filha única por pouquíssimo tempo, uma vez que após 10 meses minha irmã nasceu. E três anos depois veio meu irmão caçula. Moramos no Piauí, Ceará e viemos para o Goiás quando tinha 04 anos de idade, onde resido até hoje numa cidade que fica no entorno de Brasília chamada de Santo Antônio do Descoberto-GO.

Com certeza tínhamos uma das melhoras condições para crescer e se desenvolver, possuíamos uma família onde existia amor, carinho, um lar estabilizado. Pais que nos educavam para a vida, para vivermos harmoniosamente em sociedade. A casa onde passamos a maior parte da nossa infância tinha um quintal bem grande, onde podíamos correr, andar de bicicleta, subir em árvores, brincar de pique-esconde, de "casinha", eram tantas quedas, cicatrizes, risos, saudades desse tempo que não volta mais. Éramos livres para escolher nossas brincadeiras, tínhamos bastante tempo para brincar e de fazer nossas tarefas e nossas responsabilidades, a televisão não era o nosso principal brinquedo, inventávamos nossos brinquedos e brincadeiras.

A minha trajetória escolar iniciou quando tinha 06 (seis) anos de idade, não frequentei o jardim de infância e fui direto para a 1ª série, atualmente conhecido como 2°ano. Isso porque quando ingressei na escola eu já dominava a leitura e a escrita, visto que tinha aprendido a ler em casa, agradeço muito a minha mãe que foi a minha primeira e eficiente professora, e como ela tinha sido professora quando mais nova, na zona rural de onde morava ela soube utilizar de recursos didáticos que estavam disponíveis no momento para proporcionar para mim e meus irmãos uma ótima alfabetização.

O sonho de ser professora sempre esteve presente em minha vida, o meu irmão que é 03 (três) anos mais novo do que eu, foi meu primeiro aluno, eu e minha irmã brincávamos de "escolinha" e sem notar que estávamos proporcionando a ele, em forma de brincadeira, momentos de aprendizagem do qual ele aprendeu a ler e a escrever brincando, de forma

dinâmica, antes mesmo de chegar à escola, amávamos essa brincadeira, o que atualmente se tornou bem séria para mim e se tornou a carreira que quero seguir.

Lembro-me que meu pai havia feito naquela época, uma mesinha de madeira para que nós pudéssemos brincar de “escolinha”, algo que fazíamos não por obrigação ou por imposição dos meus pais, mas porque naquela época tinha a liberdade de escolher os horários em que tínhamos vontade de estudar. Existia a liberdade de escolher se iríamos utilizar a cartilha ou se ia escrever no quadro de brinquedo, se iria escrever, desenhar ou pintar.

Sempre gostei de ler: gibis, literatura brasileira, livros religiosos, livros de investigação, e de outros gêneros. Algo que aprendi não por incentivo da escola, mas era algo que tinha exemplo em casa, o meu pai, era e é até hoje um leitor assíduo, no qual não precisava mandar tirar um período para a prática da leitura, porque só de vê-lo lendo nos incentivava a termos o hábito da leitura, o exemplo dele foi de grande valia, mais do que se fosse imposto por ele ou pela escola para se ter um período de leitura. Recordo-me de um fato ocorrido em uma certa noite com meu pai, que é pedreiro, certa feita o seu patrão o trouxe em casa, pois naquele mesmo dia ele tinha feito uma faxina em sua biblioteca e iria jogar uma grande quantidade de livros no lixo, livros estes em perfeito estado, eram enciclopédias completas de diversos temas, dicionários, gibis, enfim, e jogar um livro no lixo para o meu pai era um imenso desperdício, então meu pai, que é bastante tímido, criou coragem e pediu os livros e, quando ele chegou em casa e começou a tirar os livros do carro seus olhos brilhavam de tanta felicidade. E essa noite fomos dormir mais tarde para escolher os livros que iríamos ler primeiro. E só para fazer constar alguns desses livros estão conosco até hoje, mesmo depois de quase 15 (anos) anos.

Minha mãe para mim é um exemplo de força de vontade, ela voltou a estudar depois de quase 20 (vinte) anos longe da escola. Fez a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e depois o ensino médio regular, inclusive terminou o ensino médio na mesma turma que a minha irmã, isso no ano de 2007. Ela trabalhava pelo turno da manhã, cuidava da casa, preparava o jantar e ia para a escola à noite, e foi assim durante um bom tempo. Isso foi um exemplo de que idade, cansaço, e que afazeres domésticos não podem impedir aquele que realmente quer estudar.

Minha trajetória escolar foi sempre em escola pública. Tive a oportunidade de ver e viver a dura realidade das condições da escola pública, onde há a carência de bibliotecas equipadas,

salas de informática e materiais didáticos. Alguns professores sabiam lidar com essa falta de recursos eram criativos e eles mesmos elaboravam os materiais de forma artesanal, mas nem todos eram assim o que tornava a aula bastante monótona e embasada na tradição do ensino conteudista, onde o professor é o único transmissor do conteúdo sem considerar as aprendizagens dos seus alunos, e não tentatavam transmitir o conteúdo de forma a aproximar com a realidade deles.

Infelizmente, essa vontade para ir a escola para adquirir o saber sistematizado aos poucos foi perdendo o encanto, onde a escola me ditava os horários em que se podia brincar, de estudar, o horário exato de ser fazer a tarefa, o momento de ficar quieta, enfim, o meu tempo de escolher o que fazer, os meus horários de aprendizagem não eram determinados por mim, mas por professores que não me conheciam, não sabiam qual era meu ritmo de aprendizado.

Tive também muitas experiências significativas para o meu aprendizado, alguns dos meus professores, tanto das séries iniciais quanto do ensino médio, eram bastante esforçados e faziam o que estava ao seu alcance para tornar a aula mais dinâmica e rica em aprendizagens.

Quando entrei na fase da adolescência eu e minha irmã dávamos aula de reforço para duas vizinhas mais novas na qual tínhamos, algo bastante gratificante, pelo fato que tínhamos de retirar um período para planejar a aula com antecedência, formular atividades apropriadas, escolher quais recursos didáticos iria utilizar para lecionar o conteúdo. Não tinha noção de que nessa época estava iniciando um treinamento para a carreira que quero seguir.

Ao terminar o ensino médio em 2006 com 17 anos, e devido a diversos fatores externos não pude continuar os estudos e fui trabalhar. Nessa fase priorizei outros interesses, com 19 anos comecei a namorar com aquele que viria a ser meu marido e quando fiz 20 anos minha vida tomou outra direção, me casei com um jovem no qual nunca me impediu de prosseguir nos estudos, pelo contrário me incentivava. E depois de 02 (dois) anos de casada fui informada pelo irmão, no qual já cursava o curso de física na Universidade de Brasília (UnB), que as inscrições para o vestibular do segundo semestre estavam abertas, isso no ano de 2012, (dois mil e doze), então resolvi prestar o vestibular e quando fui me inscrever escolhi o curso de Pedagogia, afinal sempre foi uma primeira opção pra mim, pois sempre me imaginei trabalhando na sala de aula e exercer a função pedagógica. Foi uma grande surpresa eu ter sido aprovada, pois não estava estudando há muito tempo.

Quando começaram as aulas pude perceber o tanto que é difícil conciliar trabalho, estudos, família e igreja. Onde o tempo era escasso e o cansaço foi só aumentando ao longo do curso. As dificuldades durante todo o período do curso foram muitas, pois moro muito longe da UnB, cerca de 70 km, é exaustivo pegar dois ônibus pra ir e dois para voltar, depois de um longo dia de trabalho.

Aprendi que nada na vida vem fácil, tudo tem um preço a pagar, afinal tudo o que conquistamos com grande dificuldade e sofrimento, saberemos valorizar quando as recompensas vierem.

Quando estava escrevendo este presente memorial pude perceber o quanto a educação esteve presente em minha vida e pude sentir que fiz a escolha correta e escolher ser professora para mim não foi algo escolhido como última opção ou se não der certo tal profissão daí tenho a opção de ser professora, mas que essa foi sim sempre a minha primeira opção e visto que com o passar do tempo esse desejo só se intensificou.

Na minha vida escolar e acadêmica tive a oportunidade de ter vários professores, uns que se dedicavam com afinco para a arte de lecionar. A falta de interesse de alguns professores em introduzir ou facilitar a aprendizagem utilizando meios pedagógicos para tornar o ensino mais dinâmico e de fácil entendimento me prejudicou, e não só a mim como ainda prejudica muitas crianças. Para mim um dos maiores desafios para aprender foi no ensino da matemática, esta foi à disciplina que mais tive dificuldade, não encontrava sentido em o porquê teria que aprender a calcular o Mínimo Múltiplo Comum (MMC), fórmula da trigonometria, por exemplo, em qual sentido seria útil para me ajudar na minha vida cotidiana, por causa disso a grande dificuldade, porquanto os professores não utilizavam de meios didáticos que viessem facilitar o aprendizado, como também não explicava de modo a facilitar a compreensão, o conteúdo era lecionado de forma descontextualizada, sem significação, não tinha aproximação com a realidade.

No decorrer do curso de Pedagogia tive a oportunidade de cursar diversas disciplinas e ter professores, cujos ideais estão calcados na importância do papel do professor em saber utilizar de meios didáticos que proporcionem a aprendizagem, onde o professor tem o papel de ser o mediador entre o ensino/aprendizagem, professores que não utilizam de métodos autoritários, nem se julgam detentores do saber, mas que estão abertos para dialogar com seus

alunos, reconhecendo que os mesmos também possuem outros saberes e que podem agregar conhecimentos. A aprendizagem também pode ocorrer pela forma da troca de saberes.

A Universidade de Brasília me proporcionou ampliar minha visão de que o papel do professor vai muito além do que apenas um ministrador/lecionar um conteúdo, mas sim que ele pode ser um orientador, um incentivador da aprendizagem.

Por este motivo a escolha da temática da importância do lúdico através das Brincadeiras e jogos, no intuito de intensificar a ideia da utilização de meios e práticas didáticas e lúdicas para facilitar a aprendizagem.

No intento de repensar o método ensino/aprendizagem e de que não existe apenas o jeito tido como tradicional que é a maneira correta de lecionar, no qual o professor é o detentor do saber, o único que pode falar, utilizando como recurso apenas o giz e o quadro negro, mas que podemos introduzir a esse processo de ensino/aprendizagem instrumentos mediáticas, cooperativismo, interação social, respeito ao próximo, a autonomia. Com enfoque no lúdico, jogos e brincadeiras. O que se tornou a temática do meu trabalho de conclusão de curso.

PARTE II

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM: EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tenta mostrar a importância do processo educacional estar fundamentado de forma a propiciar a aprendizagem, de modo que a motivação dos educandos não seja apenas na obtenção de uma boa nota e na promoção de ser aprovado, contudo que seja na satisfação de poder aprender e continuar aprendendo. De modo que não haja apenas a memorização do conteúdo, mas a aprendizagem de fato, para que o educando possa desenvolver suas habilidades cognitivas, sociais, culturais e sua subjetividade. Estimulando o senso crítico nos educandos, fazendo-os refletir sobre suas ações e paradigmas que o circundam.

É de vital importância que a escola, os projetos pedagógicos, professores e todos os profissionais envolvidos no processo educacional tenham plena consciência do que é Educação. Para quê educar? O que é autonomia? Como educar para ter autonomia? Que ferramentas utilizar? Enfim, são questionamentos que integram o presente trabalho acadêmico, na intenção de compreender o processo educacional, com abordagem no papel do professor em sua prática pedagógica com a finalidade de educar com o fim de transformá-lo num ser autônomo em seu processo e desenvolvimento educacional.

Com enfoque na utilização de instrumentos de mediação e materiais didáticos como importantes recursos para atingir o objetivo que é a aprendizagem e que o indivíduo possa ser consciente da sua autonomia através dos recursos lúdicos por meio da utilização das Brincadeiras e Jogos, que serão abordados de forma mais ampla neste trabalho. Enfatizando sobre a importância da atividade lúdica no processo de ensino/aprendizagem que possibilita o desenvolvimento de diversas esferas do indivíduo.

Objetivando mostrar de como o lúdico, os jogos e as brincadeiras podem ser importantes facilitadores da aprendizagem.

A finalidade deste trabalho é mostrar que através da utilização de atividades lúdicas a criança também pode aprender. Este trabalho contém dados de aplicação de brincadeiras e jogos em ambientes escolares com crianças das séries iniciais da Educação Infantil e nas séries iniciais do ensino Fundamental, tendo relatos de experiências, assim como devido às observações feitas da receptividade das crianças em relação a proposta da utilização do lúdico nas atividades escolares.

Assim esse trabalho é composto de 03 capítulos, cujo 1° capítulo aborda alguns conceitos de aprendizagem, autonomia e o papel do professor. No 2° capítulo tem uma abordagem mais específica de jogos, brincadeiras e ludicidade. O 3° capítulo é feito uma análise empírica de experiências escolares com abordagens lúdicas, tanto positiva e negativamente. E para finalizar as considerações finais.

CAPÍTULO 01

REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO

"Se a educação sozinha não
transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda."
Paulo Freire

1.1 REFLEXÃO SOBRE APRENDIZAGEM E AUTONOMIA

O objetivo deste capítulo é apresentar uma reflexão sobre a educação no Brasil buscando como foco a autonomia e uma abordagem sobre como se dá o papel do professor nesse processo e uma reflexão sobre a aprendizagem. Escolhemos refletir embasando-se na abordagem de Paulo Freire em duas de suas obras: Pedagogia do Oprimido (1987) e Educação como Prática da Liberdade (1967), destacando o conceito de autonomia. E como marco legal para embasar o proposto foi utilizado os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1997, volume 3).

A educação em sua trajetória histórica vinha sendo utilizada como um instrumento de imposição social por parte de uma cultura hegemônica para atingir seus objetivos de dominação social, cultural, econômica e política, isso ocorria com bastante intensidade até meados do século XX. De modo que a educação era tida como um método, um recurso para exercer a dominação social. Nesse sentido de método é conforme a conceituação de Libâneo (1994, p. 150) que nos ensina:

> O conceito mais simples de "método" é o de caminho para atingir um objetivo. Na vida cotidiana estamos sempre perseguindo objetivos. Mas estes não se realizam por si mesmos, sendo necessária a nossa atuação, ou seja, a organização de uma sequência de ações para atingi-los. Os métodos são, assim, meios adequados para realizar objetivos.

Nessa perspectiva a educação e o papel do professor estavam limitados a reproduzir conceitos, ideais e transmitir o conteúdo de forma metódica, dessa forma o aprendizado era exclusivamente responsabilidade do educando retirando a culpabilidade da prática pedagógica do professor, como também do sistema educacional. Esse tipo de educação era baseada na tendência pedagógica tradicional que é um dos métodos utilizados para essa reprodução, conforme explicita Libâneo (1986, p.22):

> Na tendência tradicional, a pedagogia liberal se caracteriza por acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, no qual aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço, sua plena realização como pessoa. Os conteúdos, os procedimentos didáticos, a relação professor-aluno não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais. É a predominância da palavra do professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual.

O que o educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997) abordou em seu livro Pedagogia do Oprimido de "pedagogia bancária", no qual enfoque principal é o professor, que se denomina detentor do saber, cujo papel é lançar o conteúdo, aconselhar, disciplinar. Conforme Freire (1994, p.33) definiu:

> A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em "vasilhas", em recipientes "enchidos" pelo educador. Quanto mais vá "enchendo" os recipientes com seus "depósitos", tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente "encher", tanto melhores educandos serão.
>
> Desta maneira, a Educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante.
>
> Em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receber os depósitos, guardá-los e arquivá-los.

Baseando-se nesse tipo de educação o aluno é apenas um espectador, um repetidor, um ser totalmente conformado e passivo com a sua atual realidade social, sem expectativa nenhuma de mudança. Contudo, a educação voltada como prática para a liberdade o conhecimento que é aprendido se transforma em ação que pode mudar a sua perspectiva e sua realidade social.

A motivação para estudar de muitos alunos está simplesmente vinculada apenas na nota e na promoção ("passar de ano") que ele precisa, e não na satisfação de poder aprender e continuar aprendendo. Isso é facilmente notado quando é analisada a questão de que eles estudam apenas na intenção de memorizar um conteúdo que irá ser tema da prova, e que logo após o período da prova o conteúdo é esquecido, pelo fato que o conteúdo não foi aprendido foi apenas memorizado.

Para Paulo Freire a educação é um recurso fundamental para que aconteça a desalienação do homem, contribuindo para sua conscientização social deste indivíduo que está inserido numa sociedade que é conduzida por uma elite dominante que apregoa seus valores e conceitos com o interesse de formar cidadãos que se adequem aos moldes sociais impostos por eles.

A educação voltada para a autonomia tem como principais objetivos fazer com que o indivíduo seja capaz de se responsabilizar pelas suas escolhas, reconhecer-se como um ser ativo no processo educacional e cultural e saber respeitar a opinião do próximo, exercendo assim a cidadania que baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN 1997, p. 27) significa ser capaz de discutir sobre a dignidade do ser humano:

> Essas exigências apontam a relevância de discussões sobre a dignidade do ser humano, a igualdade de direitos, a recusa categórica de formas de discriminação, a importância da solidariedade e do respeito. Cabe ao campo educacional propiciar aos alunos as capacidades de vivenciar as diferentes formas de inserção sociopolítica e cultural. Apresenta-se para a escola, hoje mais do que nunca, a necessidade de assumir-se como espaço social de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania.

Algo que corrobora com o estímulo à autonomia do sujeito, é tornar o aluno capaz de interagir socialmente respeitando as opiniões dos outros. Quando é abordado à temática "autonomia do sujeito" refere-se ao conceito que é descrito no PCN que é em relação à competência do sujeito em ser capaz de ter segurança e responsabilidade quanto às suas próprias capacidades, ser capaz de pensar criticamente, ter a habilidade de resolver problemas de forma criativa, significando a não necessidade de ter que receber instruçõesde outrem para chegar à solução, mas ele mesmo obter a capacidade de pensar criativa e criticamente até obter a solução.

O ambiente escolar é tido como adequado para proporcionar aos alunos vivências diferenciadas de diversos âmbitos, seja no sociopolítico, intelectual e cultural. Não apenas o saber sistematizado. Sendo que há a necessidade de compreender que o educando ao inserir-se no ambiente escolar já possuem alguns saberes adquiridos socialmente e possui sua subjetividade. E não é como alguns teóricos que se fundamentam na teoria ambientalista ou comportamentalista, como Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) que eles apregoam pensamentos baseados na hipótese que "o mais importante são os fatores exógenos, aquilo que está fora do indivíduo. A criança nasce sem características psicológicas, seria como uma

massa a ser modelada, estimulada e corrigida pelo meio em que vive." (Coleção ProInfantil, mód. II, uni. I, vol. 1 p.20). Considerando que a criança não sabe nada e que é uma folha em branco a ser escrita, onde o professor é o responsável em transmitir o conhecimento para a criança, da qual deve receber o ensino de forma passiva.

A escola não basta apenas ter como visão central a formação dos seus alunos no âmbito profissional, mas formá-los para obterem a capacidade de aprender a aprender, onde o processo educacional é contínuo e permanente. E para que isso ocorra à educação precisa seguir algo que foi proposto no PCN (1997, p.28):

> Para tanto, é necessário que, no processo de ensino e aprendizagem, sejam exploradas: a aprendizagem de metodologias capazes de priorizar a construção de estratégias de verificação e comprovação de hipóteses na construção do conhecimento, a construção de argumentação capaz de controlar os resultados desse processo, o desenvolvimento do espírito crítico capaz de favorecer a criatividade, a compreensão dos limites e alcances lógicos das explicações propostas.

O incentivo a educação problematizadora, baseada na ideia de Paulo Freire que contrapõe a educação bancária onde o professor dialoga com seus alunos, há ocorrência da reciprocidade. Isto é a compreensão do mundo e das suas relações, concepção esta considerando que é processual e que está em contínua alteração, mas em constante processo de construção e reconstrução, no qual o educador problematizador está sempre fazendo uma reflexão sobre sua prática pedagógica e se reinventando.

> A autonomia refere-se à capacidade de posicionar-se, elaborar projetos pessoais e participar enunciativa e cooperativamente de projetos coletivos, ter discernimento, organizar-se em funçãode metas eleitas, governar-se, participar da gestão de ações coletivas, estabelecer critérios e eleger princípios éticos, etc. Isto é, a autonomia fala de uma relação emancipada, íntegra com as diferentes dimensões da vida, o que envolve aspectos intelectuais, morais, afetivos e sociopolíticos. Ainda que na escola se destaque a autonomia na relação com o conhecimento — saber o que se quer saber, como fazer para buscar informações e possibilidades de desenvolvimento de tal conhecimento, manter uma postura crítica comparando diferentes visões e reservando para si o direito de conclusão, por exemplo —, ela não ocorre sem o desenvolvimento da autonomia moral (capacidade ética) e emocional que envolvem auto respeito, respeito mútuo, segurança, sensibilidade, etc. (PCN, 1997, p. 62)

O processo educacional precisa estar atrelado em instigar no aluno a curiosidade e o desejo de sempre buscar o conhecimento, seja por si mesmo ou por meio do outro. O que é

baseado em um dos quatro pilares da educação feito pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, da UNESCO (2010) com o presidente Jacques Delors, que é denominado *Aprender a conhecer* onde explicita que a educação assim como o desenvolvimento social e tecnológico está sempre em constante mudança no qual o educando necessita ter o gosto de continuar a aprender ao longo da vida. Esta comissão teve como temática principal o papel da educação e o quanto é importante para que haja justiça social. Os outros três pilares são bastante importantes pelo fato de que um complementa o outro. O pilar denominado *Aprender a conviver* diz respeito à capacidade do indivíduo em ter um convívio pacífico, principalmente com aqueles de tradições, religiões e ideais diferentes do seu. O terceiro, *Aprender a fazer* relata sobre a competência do indivíduo em agir de forma criativa e harmoniosa em diferentes situações de conflito. O último faz referência a *Aprender a ser* relacionando-se ao quesito da capacidade do indivíduo em ser autônomo e agir com discernimento, reconhecendo a responsabilidade de suas ações. Com esses princípios norteadores da educação visando à criação de um indivíduo que saiba refletir sobre suas ações, consciente de suas responsabilidades e curioso no sentido de não se acomodar em seu processo educacional buscando sempre adquirir novos conhecimentos e saberes.

> O desenvolvimento da autonomia depende de suportes materiais, intelectuais e emocionais. No início da escolaridade, a intervenção do professor é mais intensa na definição desses suportes: tempo e forma de realização das atividades, organização dos grupos, materiais a serem utilizados, resolução de conflitos, cuidados físicos, estabelecimentos de etapas para a realização das atividades. Também é preciso considerar tanto o trabalho individual como o coletivo-cooperativo. O individual é potencializado pelas exigências feitas aos alunos para se responsabilizarem por suas ações, suas ideias, suas tarefas, pela organização pessoal e coletiva, pelo envolvimento com o objeto de estudo. O trabalho em grupo, ao valorizar a interação como instrumento de desenvolvimento pessoal, exige que os alunos considerem diferenças individuais, tragam contribuições, respeitem as regras estabelecidas, proponham outras, atitudes que propiciam o desenvolvimento da autonomia na dimensão grupal. (PCN, 1997, p.12)

E para que haja essa consciência de reconhecimento de indivíduo, no qual o educando também se torna responsável por sua aprendizagem é necessário que o ambiente escolar proporcione vivências marcantes e significativas na vida deles, e essas experiências são fundamentais para o desenvolvimento social das crianças.

> O conceito de aprendizagem significativa, central na perspectiva construtivista, implica, necessariamente, o trabalho simbólico de "significar" a parcela da realidade que se conhece. As aprendizagens que os alunos realizam na escola serão significativas à medida que conseguirem estabelecer relações substantivas e não-arbitrárias entre os conteúdos escolares e os conhecimentos previamente construídos por eles, num processo de articulação de novos significados.
>
> Cabe ao educador, por meio da intervenção pedagógica, promover a realização de aprendizagens com o maior grau de significado possível, uma vez que esta nunca é absoluta — sempre é possível estabelecer alguma relação entre o que se pretende conhecer e as possibilidades de observação, reflexão e informação que o sujeito já possui.
>
> A aprendizagem significativa implica sempre alguma ousadia: diante do problema posto, o aluno precisa elaborar hipóteses e experimentá-las. Fatores e processos afetivos, motivacionais e relacionais são importantes nesse momento. Os conhecimentos gerados na história pessoal e educativa têm um papel determinante na expectativa que o aluno tem da escola, do professor e de si mesmo, nas suas motivações e interesses, em seu autoconceito e em sua autoestima. Assim como os significados construídos pelo aluno estão destinados a ser substituídos por outros no transcurso das atividades, as representações que o aluno tem de si e de seu processo de aprendizagem também. É fundamental, portanto, que a intervenção educativa escolar propicie um desenvolvimento em direção à disponibilidade exigida pela aprendizagem significativa. (PCN, 1997, p. 38)

A criança está inserida em contado direto com o ambiente que tem por principal definição ser de caráter inteiramente social, onde ela vivencia experiências e interage socialmente. E as crianças nas idades iniciais são muito curiosas, portanto estão atentas a tudo o que as que a cercam, observando, experimentando e construindo assim seu próprio conhecimento em diferentes âmbitos e níveis.

E segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil volume 3 (RCNEI, 1998, p. 209) sobre aprender que é de maneira (...) "Como aprender é construir significados e atribuir sentidos, as ações representam momentos importantes da aprendizagem na medida em que a criança realiza uma intenção."

A aprendizagem ocorre de forma processual e subjetiva. Portanto não se pode abordar a educação de forma mecânica e homogênea. Pelo fato de que o ambiente escolar é dotado de seres diferentes, que possuem suas singularidades que precisam ser respeitadas, ou seja, a aprendizagem é de forma singular desse modo nem todos os indivíduos aprendem da mesma forma. E é papel do professor utilizar de recursos didáticos que possam tornar a aprendizagem

de forma a beneficiar a todos, respeitando o tempo de aprendizagem de cada um dos seus alunos.

O conceito de processo de ensino-aprendizagem de Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), pensador russo, que ele denomina como sendo um processo no qual o sujeito adquire habilidades, valores, informações e conceitos através da sua influência mútua com o meio em que vive e com suas interações sociais. E esse processo abrange aquele que aprende e aquele que ensina numa relação interligada. Um dos pressupostos básicos desse autor é que o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro.

A aprendizagem é tida como algo que é de suma importância na vida de todo ser humano, e que pode ocorrer em todos os ambientes que frequentamos seja na escola, no ambiente familiar, igreja, enfim o processo de aprendizagem pode ocorrer em diversos ambientes e em diferentes idades. Desse modo não é possível estabelecer um método correto e eficaz para que os alunos aprendam, pelo simples fato que cada indivíduo possuir suas especificidades.

Então a escola/professor tem o papel de mediar o conteúdo estipulado nos currículos oficiais para cada série/ano conforme os PCN estipulam a adaptar o conteúdo com criatividade para que proporcionem aos alunos compreenderem o conteúdo. O professor precisa incentivar o seu aluno a refletir, a ter uma opinião própria e não simplesmente seguir o que lhe é imposto. Surge assim a necessidade de que o professor também tenha total consciência de que ele pode extrapolar os métodos de ensino ditos como tradicionais (professor fala, aluno escuta), no intuito de aperfeiçoar sua prática pedagógica.

Existem várias estratégias para que possa facilitar a relação professor/aluno e aluno/aluno. O que é uma das temáticas do presente trabalho acadêmico e que pode ser bastante útil é a inserção do jogo, brincadeiras, e a ludicidade de forma geral, na visão de que podem propiciar integração social, experiências significativas e que podem ser importantes recursos didáticos facilitadores da aprendizagem, proporcionado assim à reflexão por parte do aluno, interação social, incentivando a sua capacidade crítica e responsabilidade pela sua aprendizagem.

Com o sentido de que os jogos, materiais didáticos, brincadeiras e a ludicidade podem ser instrumentos mediáticos para alcançar a aprendizagem, conforme Vygotsky (2012, p.26) definiu como “Mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento

intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento".

A relação mediatizada não se dá necessariamente pela relação com o outro corpóreo, mas também pela possibilidade de interação através de signos, símbolos culturais, ferramentas e objetos. De modo que as atividades lúdicas podem ser utilizadas como mediadores da aprendizagem. Daí a importância do papel do professor. E conforme o RCNEI, 1998, volume 1, p. 30:

> Nessa perspectiva, o professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano. Na instituição de educação infantil o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas.

Sendo assim a interação social é importante para que ocorra a participação do outro, a oportunidade de compartilhamento de experiências e conhecimentos, para impulsionar o desenvolvimento com a definição da ação ser de modo colaborativa, o que é baseado no conceito de Vygotski (2009) que trata do crescimento psicológico da criança com a participação do adulto.

> (...) constitui uma forma original de colaboração sistemática entre o pedagogo e a criança, colaboração essa em cujo processo ocorre o amadurecimento das funções psicológicas superiores da criança com o auxílio e a participação do adulto. No campo do nosso interesse, isto se manifesta na sempre crescente relatividade do pensamento causal e no amadurecimento de um determinado nível de arbitrariedade do pensamento científico, nível esse criado pelas condições do ensino.

Essa abordagem que relata sobre a importância da interação social também está presente no RCNEI (1998, volume 1, p. 31):

> A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Assim, cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a autoestima. A existência de um ambiente acolhedor, porém, não significa eliminar os conflitos, disputas e divergências presentes nas interações

> sociais, mas pressupõe que o professor forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se defrontam diariamente. As capacidades de interação, porém, são também desenvolvidas quando as crianças podem ficar sozinhas, quando elaboram suas descobertas e sentimentos e constroem um sentido de propriedade para as ações e pensamentos já compartilhados com outras crianças e com os adultos, o que vai potencializar novas interações. Nas situações de troca, podem desenvolver os conhecimentos e recursos de que dispõem, confrontando-os ereformulando-os.

De modo que o professor não pode considerar-se o detentor do conhecimento, causando na criança uma dependência de aprendizagem, limitando assim seu desenvolvimento, dessa forma o educador não é colaborador, de modo que o professor colaborador precisa criar situações que desafiem a descoberta de novas conquistas e criar situações que possam intensificar as potencialidades das crianças conforme PEDERIVA e MARTINEZ (2014) afirmam.

E através dos jogos, brincadeiras e atividades lúdicas podem ser importantes recursos didáticos para que se desenvolva essa interação social e que o professor também possa aproveitar a utilização desses meios com a finalidade de serem úteis como facilitadores da aprendizagem. Conforme será abordado com mais detalhes nos próximos capítulos do presente trabalho acadêmico.

1.2- O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR NO PROCESSO DE ENSINO/ APRENDIZAGEM

"Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor."

Paulo Freire

A escola é um ambiente onde se leciona qualquer tipo e grau de instrução, composto pelo corpo docente (professor, coordenador pedagógico), discente (alunos) e pela parte administrativa (secretária escolar, diretoria). O direito a educação é um direito garantido pela Lei maior brasileira a Constituição Federal de 1988:

> Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

> Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
>
> I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
>
> II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
>
> III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
>
> IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

Então é dever da União, Estados e Municípios promoverem uma educação que abranja a todos lhes dando a garantia de qualidade, gratuidade e de permanência. Assim como também estipula a valorização dos profissionais envolvidos no processo educacional.

Para que ocorra uma aprendizagem qualitativa é necessário o envolvimento de diversos âmbitos e setores, como a responsabilidade governamental em repassar recursos financeiros suficientes para o custeio da educação. O comprometimento da escola em propiciar liberdade de atuação do professor e apoiá-lo nesse processo, ajudando-o no que for necessário. E em evidência o papel do professor, porque é o que está em constante contato com o aluno. É um processo que envolve diversas facetas, pelo fato da aprendizagem se configurar também de forma a proporcionar a integração social.

Existe uma necessidade de que os conteúdos curriculares sejam adequados e coerentes com a realidade dos alunos, de modo a tornar o ambiente escolar interessante para a criança, pois a realidade atual é conteúdos que são abordados através de recortes, não há uma contextualização, assim sendo dificultando a compreensão.

> No tocante as influências pedagógicas gerais, esse ensino foi pernicioso e prejudicial, porque quase em nenhuma parte e em nenhum caso esteve ligado ao interesse imediato da criança, e sempre foi realizado em função de certos interesses estranhos, na maioria das vezes para subordinar a criança aos interesses do meio que a rodeava e para refratar na mente infantil as mais sortidas e triviais ideias cotidianas do ambiente. (Vigotski, 2003, p.238)

Assim sendo propiciar a oportunidade do aluno em fazer relações com suas vivências, de forma que o conteúdo será de fato aprendido e não memorizado.

O professor é um mediador, segundo algumas traduções das pesquisas de Vygotsky, em outras tem a denominação de organizador da aprendizagem, de modo que ele contribui tanto para o desenvolvimento cognitivo quanto para o desenvolvimento social, através da relação professor/aluno, ele também contribui para a construção da identidade do docente. E conforme expôs Vygotsky em uma das suas teorias é através das relações que o sujeito se constrói (2001): "trata-se de uma atividade de fundo social na qual o homem se forma e interage com seus semelhantes e seu mundo numa relação intercomplementar de troca".

> "Porque na escola a criança não aprende o que sabe fazer sozinha, mas o que ainda não sabe e lhe vem a ser acessível em colaboração com o professor e sob sua orientação". (Vygotski, 2001, p.331)

É preciso que o educador considere a bagagem cognitiva, social e cultural que a criança já possui, esse é um dos conceitos que foi denominado por Vygotsky (2012) de ontogênese (história do organismo individual dentro de uma cultura) e considerar as experiências já vividas pelo indivíduo. Além do fato que o processo de desenvolvimento humano não ocorre de forma igualitária pra todos, não é uma simples absorção passiva, mas de modificação conforme a subjetividade do indivíduo. Seu desenvolvimento é processual, ocorre passo a passo, no qual o professor não pode executar o trabalho do aluno, mas lhe dar a liberdade para executá-lo, conforme suas habilidades.

De forma que o papel do professor pode fazer a diferença no processo de ensino/aprendizagem. E conforme descreveu Assali (2012) algumas características que um professor organizador da aprendizagem necessitaria ter:

> a) Não deve ser autoritário. Porém, deve ser firme e coerente. Não tomar todas as decisões. Promover a participação do aluno em situações de o quê, como e quando fazer, visando desenvolver a autonomia consciente.
>
> b) Deve ser sempre o líder do grupo de aprendizagem. É preciso conhecer bem o grupo, seus integrantes, estabelecer objetivos, distribuir tarefas, desafios, metas, parâmetros, critérios e procedimentos de ação.
>
> c) Precisa compreender as diferenças individuais no grupo de trabalho e proporcionar situações para que todos se envolvam no processo, apoiando, incentivando, motivando os integrantes do grupo, coletiva e individualmente.
>
> d) Precisam atribuir responsabilidades de forma equilibrada sem sobrecarregar os integrantes do grupo e valorizar a liderança compartilhada na medida do possível.

> e) Avanços, progressos, iniciativas, criatividade, precisam ser constantemente valorizadas e elogiadas. Também encorajar nos momentos de dificuldades e intervir pedagogicamente nas situações necessárias.
>
> f) Deve promover à autocrítica e a auto avaliação, a liderança e o reconhecimento e superação dos fracassos. Demonstra que as situações de fracasso geram oportunidades de sucesso, baseadas em dedicação e estudos.
>
> g) Precisa sempre manter controle, acompanhamento, avaliação de todos os momentos do processo visando o aperfeiçoamento, a eficácia e a organização do trabalho pedagógico.

O que pode intensificar para que o professor tenha como forma didática visando o desenvolvimento dos seus alunos é necessário que o processo de formação desse professor seja no intuito de que o mesmo continue estudando, fazendo novos cursos de aprimoramento, aprendendo novas práticas e métodos, para que através dessa formação libertadora proporcionem um processo reflexivo e crítico sobre sua prática docente, e como consequência este mesmo professor que é formado com esse pensamento crítico e reflexivo propiciará aos seus alunos formas de aprendizagens críticas, do qual as suas práticas e métodos estão voltadas para que esse aluno se torne um sujeito crítico/reflexivo. O que está descrito no PCN (1997, p. 25):

> Além de uma formação inicial consistente, é preciso considerar um investimento educativo contínuo e sistemático para que o professor se desenvolva como profissional de educação. O conteúdo e a metodologia para essa formação precisam ser revistos para que haja possibilidade de melhoria do ensino. A formação não pode ser tratada como um acúmulo de cursos e técnicas, mas sim como um processo reflexivo e crítico sobre a prática educativa. Investir no desenvolvimento profissional dos professores é também intervir em suas reais condições de trabalho.

O governo prevê na Constituição Federal de 1988, no art° 206 inciso V a “valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas”. E através dos planos de carreira impulsionando assim os professores a continuarem a buscar o conhecimento e se aprimorando em relações às mudanças tecnológicas que estão sempre se renovando, para que o profissional possa se adequar as realidades tecnológicas atuais, na qual as crianças já estão inseridas.

Assim como a adequação dos professores para lecionar o conteúdo proposto de forma interativa, envolvendo o lúdico para estar apto a utilizá-los na sua prática pedagógica. E para melhor compreensão da importância do lúdico nos próximos capítulos serão feitos uma explanação de conceitos sobre jogos e brincadeiras.

CAPÍTULO 2

O LÚDICO POR MEIO DO JOGO E BRINCADEIRAS

2.1 BRINCAR E BRINCADEIRAS

"Toda criança que brinca se comporta como um poeta, pelo fato de criar um mundo só seu, ou, mais exatamente, por transpor as coisas do mundo em que vive para um universo novo em acordo com suas conveniências."

Sigmund Freud

Este capítulo tem por finalidade abordar as conceituações de brincadeiras e sua importância no processo de ensino/aprendizagem.

O ato de brincar é uma maneira bastante importante a ser utilizada como um meio de aprender, pois quando a criança brinca ela está desenvolvendo a sua capacidade de se socializar, acarretando uma aprendizagem mútua, uma criança aprendendo com a outra. A brincadeira proporciona uma maior interação não só entre as próprias crianças, mas também com o meio e com outros adultos. Baseando-se no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998, volume 2, p. 22):

> Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

A utilização de meios didáticos que possam proporcionar de forma atrativa e criativa a aprendizagem ser forma significativa e que seja relacionada com a realidade do estudante também está garantida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de n° 9394 de 1996 no artigo 2° e 3°:

> Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.
>
> Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
> I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
> II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
> III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
> IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
> [...] X - valorização da experiência extraescolar;
> XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

As brincadeiras propiciam o desenvolvimento de diversas competências do indivíduo como o desenvolvimento da sua autonomia, a construção da sua identidade, a construção de novos conhecimentos, como explora também a sua capacidade motora. Oferecendo-lhe a oportunidade de ser criativo o que lhe será bastante útil para saber criar soluções novas em situações de conflito. E é através da brincadeira que a criança tem a oportunidade de reelaborar as observações e experiências que teve na sua inserção na cultura.

> A imitação é resultado da capacidade de a criança observar e aprender com os outros e de seu desejo de se identificar com eles, ser aceita e de diferenciar-se. É entendida aqui como reconstrução interna e não meramente uma cópia ou repetição mecânica. (RCNEI, 1998,vol2 p. 21)

Não é simplesmente uma imitação, mas uma readaptação. Como ocorre em uma das brincadeiras da qual as criança brincam bastante que é a brincadeira do faz-de-conta, onde ela tem a liberdade de imaginar e reinventar.

> Ao brincar de faz-de-conta, as crianças buscam imitar, imaginar, representar e comunicar de uma forma específica que uma coisa pode ser outra, que uma pessoa pode ser uma personagem, que uma criança pode ser um objeto ou um animal, que um lugar "faz-de-conta" que é outro. Brincar é, assim, um espaço no qual se pode observar a coordenação das experiências prévias das crianças e aquilo que os objetos manipulados sugerem ou provocam no momento presente. Pela repetição daquilo que já conhecem, utilizando a ativação da memória, atualizam seus conhecimentos prévios, ampliando-os e transformando-os por meio da criação de uma situação imaginária nova. Brincar constitui-se, dessa forma, em uma atividade interna das crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira. Também tornam-se autoras de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em prática suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e

> solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata. (RCNEI,1998, vol. 2, p.22-23)

Através da brincadeira a criança desenvolve sua capacidade de ser criativa (no quesito de saber enfrentar situações diversas), uma melhor desenvoltura do raciocínio lógico, como sua capacidade de liderança. O que foi explicitado na dissertação de Sena (2013, p. 29 e 30):

> A criança que brinca se prepara para tornar-se uma pessoa mais autônoma, participativa e engajada, pois, o jogo pode proporcionar isso, no entanto, ainda é frequente ver crianças que tão logo começam a fase escolar desprenderem-se das brincadeiras antes tão habituais, como se a escola compreendesse um espaço tão sério em que não se permita aprender com prazer e alegria.
>
> Toda forma de brincar compreende em si uma formação, em todas as fases da vida, mesmo quando adulto, a exploração através da ludicidade proporciona melhor e mais rapidamente o desenvolvimento da aquisição do conhecimento, para isso necessário se faz, que o educador tenha consciência da importância do seu papel para proporcionar esse espaço de vivência lúdica e participativa à criança.

O brinquedo é um instrumento que dá suporte para a brincadeira, portanto o brinquedo sozinho não é brincadeira, e não é necessário ter um brinquedo sofisticado para se brincar, pois a criança pode utilizar sua imaginação para utilizar materiais que para alguns seriam insignificantes da qual ela utiliza seu poder de criação e faz a brincadeira acontecer. Portanto o ideal é que os brinquedos que estarão disponíveis para as crianças, sejam no ambiente escolar ou familiar, que possam oferecer à criança a liberdade de escolha, de tomar decisões, que a faça movimentar o corpo e instiguem a fazê-la pensar e não agir apenas de maneira mecânica.

> Os brinquedos são convites para a interação; portanto, devem merecer nossa atenção especial. Eles podem seduzir, disseminar ideologias, introduzir bons ou maus hábitos e desenvolver habilidades. Certamente os brinquedos também podem ser ótimos recursos pedagógicos. (CUNHA, 2008, p.29)

Vygotsky (2012) conceitua que “o brinquedo provê, assim, uma situação de transição entre a ação da criança com objetos concretos e suas ações com significados”, portanto é necessário ter cuidado para que os brinquedos selecionados tenham características básicas que possam ser utilizadas para a aprendizagem e que atendam as necessidades das crianças. Kishimoto (1998, p. 14) descreveu o brinquedo como:

> Se brinquedos são sempre suportes de brincadeiras, sua utilização deveria criar momentos lúdicos de livre exploração aos quais prevalece a incerteza do ato e não se buscam resultados. Porém, se os mesmos objetos servem como auxiliar da ação docente buscam-se resultados em relação à aprendizagem de conceitos e noções ou, mesmo, ao desenvolvimento de algumas habilidades. Nesse caso, o objeto conhecido como brinquedo não realiza sua função lúdica, deixa de ser brinquedo para tornar-se material pedagógico. Um mesmo objeto pode adquirir dois sentidos conforme o contexto em que se utiliza: brinquedo ou material pedagógico.

Kishimoto fez uma diferenciação entre os brinquedos e sua utilização como material pedagógico, no qual se dá a entender que o brinquedo por si só não pode ser utilizado como material pedagógico, isso irá depender do contexto em que ele for utilizado e da maneira como irá acontecer sua aplicação.

Em muitas escolas existe um ambiente específico para que a criança possa brincar livremente, que é denominada de a Brinquedoteca. Um espaço dotado dos mais diversos tipos de brinquedos, a organização do espaço é feita de forma a proporcionar a brincadeira.

> A Brinquedoteca é o espaço certo da ludicidade, do prazer, do autoconhecimento, da afetividade, da empatia, da automotivação, da arte do relacionamento, da cooperação, da autonomia, do aprimoramento da comunicação, da criatividade, da imaginação, da sensibilidade e das vivências corporais. (SANTOS, 2008, p.61)

O que é ideal também é dar oportunidade para que a criança produza seus próprios brinquedos. Dando-lhe a satisfação do que é imaginar um brinquedo e poder criá-lo. Podendo aguçar seu poder de criação e a destreza com trabalhos manuais, desenvolvendo sua coordenação motora. Oferecendo-lhe a oportunidade de manusear as mais diversas texturas de materiais, cores e formatos.

2.2 O JOGO

[...] é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve.

Johan Huizinga

O bebê humano é um indivíduo totalmente desprovido de meios de sobrevivência, totalmente necessitado dos cuidados do outro. O que significa que nasce com a necessidade de manter relações humanas e sociais, como afirma PINO (2005). E o jogo é um modo de se interagir socialmente.

Huizinga (2010) define que o jogo é repassado culturalmente, através das gerações. Conceito este também defendido por Kishimoto (1998) no qual a abordagem do jogo é feita considerando que ele não é inato, ou que a criança aprendeu sozinha, mas é uma aquisição social.

Através dos jogos é possível fazer com que a criança aprenda a enfrentar desafios, buscar novas soluções, o que é extremamente necessário para a aprendizagem. Segundo a definição de Huizinga (2010, p.33):

> (...) o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.

O jogo tem por característica ser um refúgio das preocupações e obrigações cotidianas, embora haja liberdade o mesmo está sujeito a algumas regras construídas socialmente. O que ponderou Kishimoto (1998, p. 4):

> A existência de regras em todos os jogos é uma característica marcante. Há regras explícitas com no xadrez ou amarelinha bem como regras implícitas como na brincadeira de faz-de-conta, em que a menina se faz passar pela mãe que cuida de sua filha. Nessa atividade são regras internas, ocultas, que ordenam e conduzem a brincadeira.

O jogo também tem por principal característica ser de maneira que a incerteza esteja sempre presente, Kishimoto (1998), pois "a ação do jogador dependerá, sempre, de fatores internos, de motivações pessoais bem como de estímulos externos, como a conduta de outros parceiros". Desse modo há sempre o quesito do imprevisto, a necessidade de agir conforme esses estímulos, daí o incentivo a criatividade do jogador em saber lidar com situações novas presentes no jogo.

Não se tem uma definição exata do conceito de jogo, pelo fato do mesmo ser composto de diversas facetas e intuitos. Devido a grande diversidade existente de jogos, não são todos que podem ser considerados educativos. Conforme o autor Brougére (2002), afirmou que "o jogo não é uma atividade ou uma situação educativa, mas ele pode gerar uma experiência que tenha efeitos educativos". É através da sua utilização e metodologia pedagógica que irá defini-lo como jogo educativo.

> Não nos enganemos: não é o jogo que é educativo, é o olhar que analisa diferentemente a atividade da criança, com novas noções e novos valores. Além disso, novas práticas lúdicas são instauradas, modificando a imagem que pode fazer do jogo. (Brougére, 2002, p. 6 e 7)

E a escola/professor precisa instigar e direcionar essas crianças para que possam produzir o conhecimento através dos jogos e brincadeiras. Quando é abordado sobre direcionar é no sentido de que a escola/professor consiga mediar esse processo, para que a brincadeira e o jogo não sejam apenas para a recreação, mas que essas brincadeiras e jogos tenham como finalidade a aprendizagem. E quanto a instigar é sempre motivar as crianças para que elas continuem sendo curiosas, observadoras e nunca se contentar em ficar apenas observando, mas que elas possam experimentar e assim criar novos conceitos.

> Observa-se que o lúdico é uma ferramenta importante na Educação Infantil, ele é um recurso didático dinâmico que garante resultados eficazes na educação, requer um planejamento e cuidado na execução da atividade elaborada. É através do lúdico que o educador pode desenvolver atividades que sejam divertidas e que, sobretudo ensine os alunos a discernir valores éticos e morais, formando cidadãos conscientes dos seus deveres e de suas responsabilidades, além de proporcionar situações que haja uma interação maior entre professores e alunos, em uma aula diferente e criativa, sem ser rotineira. (Matos, 2013, p.133)

O lúdico é definido como “sendo um conjunto de ações, situações, as atividades capazes de envolver o imaginário e os sentimentos dos sujeitos envolvidos”, por Spada (2009). Para Kishimoto (1998), ela fez uma diferenciação entre jogo, brincar e lúdico. De modo que o jogo para se jogar é necessário comportamento social e contém regras, o ato de brincar é espontâneo e livre, e o lúdico envolve as duas terminologias.

De modo que o jogo pode ser utilizado como descreveu Brougére (1998) “O jogo é um fim em si mesmo para a criança; para nós deve ser um meio”. No que se refere ao meio é que o jogo se torna uma ferramenta de mediação para a aprendizagem. Através do jogo é possível que o mesmo proporcione tanto a integração social quanto a aprendizagem, quando bem utilizado.

> O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica pode contribuir para melhoria do ensino, quer na

> qualificação ou formação crítica do educando, quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade.
>
> Para que a educação lúdica caminhe efetivamente na educação é preciso refletir sobre sua importância no processo de ensinar e aprender. (Mendes e Dallabona, 2004)

Assim é fundamental que o professor e todos os envolvidos reconheçam e compreendam a importância da utilização de meios lúdicos, jogos e brincadeiras como instrumentos no processo de ensinar e aprender. Como todas as instâncias envolvidas no processo educacional estejam dispostas a investir no processo educacional.

A partir de todo referencial teórico, o capítulo 3 será destinado a apresentar as experiências feitas enquanto estava exercendo o papel de mediadora no processo ensino/aprendizagem em uma escola pública nas classes da educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, foi então feito o relato de experiência.

CAPÍTULO 3

RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A temática deste capítulo é sobre relatos de vivências pedagógicas realizadas em uma escola pública, localizada na Região Administrativa de Brasília.

Através das observações feitas em salas de aula de uma escola pública, relatos de professores sobre suas práticas pedagógicas e como os alunos aprendiam o conteúdo, pude fazer as anotações que motivaram o presente trabalho, de modo feito por pesquisa de caráter observatório, participativa e qualitativa. No qual exerci tanto o papel de pesquisadora como também intervi no processo educacional. Onde tive a liberdade de trabalhar a teoria por meio das práticas das brincadeiras e jogos em alguns momentos. O relato de experiência foi obtido através das anotações das reações das crianças com a inserção dos jogos e das brincadeiras. Como tinha horários específicos que podia utilizar, pelo fato que o professor explicava o conteúdo e depois ele permitia um horário para fazermos a aplicação dos jogos e das brincadeiras que eram conforme o conteúdo explicado. Eram momentos reduzidos, mas bastante proveitosos e divertidos, no restante do tempo ficava observando a aula do professor. Com carga horária em torno de 120 horas no ambiente escolar, sendo em salas de aulas diferentes.

Apresentarei relatos das aplicações de jogos, brincadeiras e de recursos didáticos fabricados de forma manual, com materiais acessíveis.

A escolha da escola localizada na Região Administrativa de Brasília foi devido ao cumprimento de duas disciplinas de caráter obrigatória para os que estão cursando o curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, são os “Projetos 4 – fases 1 e 2”, que são estágios supervisionados. Esses estágios visam à integração da parte teórica que é abordada durante todo o curso de Pedagogia, para propiciar vivências práticas dos futuros pedagogos em ambientes escolares. Pude fazer as duas fases do projeto na mesma escola, só que em turmas diferentes, sob a supervisão da professora Dra Sônia Marise Salles Carvalho que tem seus projetos embasados na Economia Solidária, que é o envolvimento das comunidades objetivando melhores condições de vida através de movimentos sociais, e o fato deste projeto está inserido no ambiente escolar é algo de muita relevância, pois a educação é

um modo de alcançar tanto a ascensão social como uma melhor qualidade de vida e a conscientização e reconhecimento de sujeito crítico nesse processo.

No presente relato de experiência não será mencionados nomes nem características das escolas, profissionais envolvidos por motivo do respeito à privacidade.

A escola pública de Brasília observada possui um projeto em especial que é voltado para integração social, preservação do meio ambiente, conscientizando as crianças para exercerem a cidadania; eles organizam diversos eventos como passeios ecológicos, apresentações culturais e oficinas manuais.

Com entrevistas feitas com professores com concepções diferentes de educação, no qual um segue a linha da pedagogia tradicional em que a professora tem uma abordagem bastante sistemática e o outro professor segue a linha educacional baseadas em conceitos conforme estipula no PCN (1998), tendo por objetivo a autonomia dos seus alunos, considerando seus conhecimentos prévios e utilizando a bagagem cognitiva e social que eles já possuem em favor da aprendizagem, dando-lhes a oportunidade de falar e serem ouvidos; e utilizando bastantes recursos didáticos.

Uma das perguntas da entrevista foi: Como é o planejamento do conteúdo a ser lecionado? Resposta – "Esse planejamento se faz junto com a escola, e dependendo da escola pode ser semestral, bimestral, aqui é semanal, a rotina diária é bem parecida com atividades como: horário da chegada, de entregar o dever de casa, corrigir os deveres anteriores, tarefas com o livro, enfim". Na fala dessa professora pude observar que a aula já está bastante programada, não há espaço para imprevisto, não há tempo para o aluno falar ou escolher o que quer fazer. Esse é um tipo de método que ainda está bastante presente na educação tradicional, onde há uma preocupação em excesso com normas, em cumprimento de horários, e que esquece o realmente importa que é se o aluno realmente está aprendendo.

Fiz essa mesma pergunta para outro professor, ele me respondeu da seguinte forma: - " Bom, o meu planejamento de aula é de acordo com o currículo, só que eu trago só um rascunho básico do que vou fazer no dia, daí conforme é o andamento da aula, a dificuldade das crianças vou me adequando até sanar as dúvidas". Pude observar que este professor tem uma visão de respeitar o tempo do seu aluno, fazendo o aluno participante do seu processo de aprendizagem.

Há uma disparidade entre a linha de raciocínio desses dois profissionais em uma das aulas a professora leva as atividades a serem feitas com características bastante mecânicas, reprodutivista, por exemplo, uma das questões era circule a família do “c”, outras atividades eram de completar o espaço em branco com a letra que estava sendo estudada em determinado momento; outra atividade solicitava que se pintasse diversos animais, na qual a professora especificava até as cores que eram para pintar, isso para a turma do 2° ano do ensino fundamental.

Pude observar que os alunos estavam apenas repetindo e não compreendendo o conteúdo, estavam sendo apenas alfabetizados e não com a perspectiva do letramento. Conforme Soares (2004) fez a diferenciação entre alfabetização e letramento, sendo alfabetização definida como saber ler e escrever, a capacidade de ler e escrever um bilhete simples, e a alfabetização na perspectiva do letramento é a capacidade do indivíduo em saber ler e escrever fazendo a compreensão e saber utilizar socialmente.

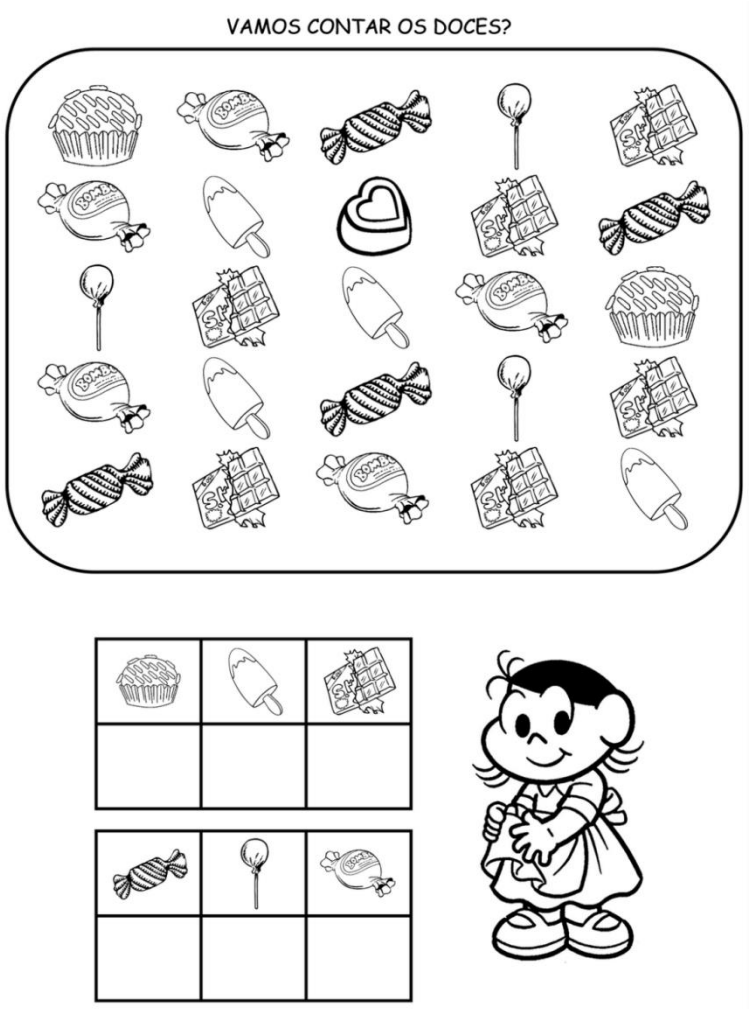
O outro professor leciona de forma a considerar o que seus alunos desejam e falam. Utiliza atividades que prescrevem que eles utilizem a criatividade, por exemplo, o tema de uma das aulas era sobre a flora do cerrado e invés dele trazer os desenhos pros alunos pintarem ele trouxe a folha em branco para os mesmos desenharem, pintarem e fazer colagem da forma como desejassem.

Esse mesmo professor é o responsável por um projeto com características sociais, onde os alunos fazem visitas a lugares históricos, tem oficinas artesanais, rodas de conversas, participam de campeonatos. Tive a oportunidade de participar de algumas dessas atividades realizadas pelo projeto. Em uma das primeiras reuniões do grupo de crianças em que fomos apresentadas aos alunos participantes do projeto (éramos quatro alunas do curso de Pedagogia e três do curso de Biblioteconomia da Unb), sugerimos uma atividade de apresentação dos alunos de uma forma inusitada, pois percebemos que as crianças estavam bastante envergonhadas com a nossa presença e para melhorar o entrosamento propus uma atividade de apresentação onde cada um teria de desenhar algum personagem de desenho animado no qual se identificava. Depois de uns minutos destinados ao desenho dispusemos os alunos em roda para mostrar o que cada um fez e explicar qual a característica que tinha no personagem que parecia com a sua, foi bastante divertido, tinham crianças com capacidades de desenhar incríveis e como utilizamos como “quebra-gelo” algo que estava presente no contexto de vida das crianças elas se sentiram bastante a vontade para se expressar e falar em público. O que

não ocorreria se chegássemos e propuser que se apresentassem e falassem de uma de suas características, não haveria essa mesma desenvoltura. E as pessoas que tiveram maior dificuldade em desenhar e se expressar foram os alunos da Unb, e as crianças acolheram esses alunos e os ajudaram a terminar seus desenhos.

Através dessa experiência pude notar que as crianças se tornam bastante receptivas a atividade proposta quando há uma aproximação com a sua realidade de vida, que o meio didático utilizado foi através dos desenhos animados, assim sendo as crianças se sentiram mais confiantes em falar em público e teve uma relação de confiança entre nós, mediadoras e as crianças.

Uma atividade proposta foi quando no planejamento de ensino estipulava para que as crianças aprendessem a contar, a reconhecer os números e transcrevê-los. De modo que o professor passou atividades do seguinte modelo, atividades que estão acessíveis na internet:



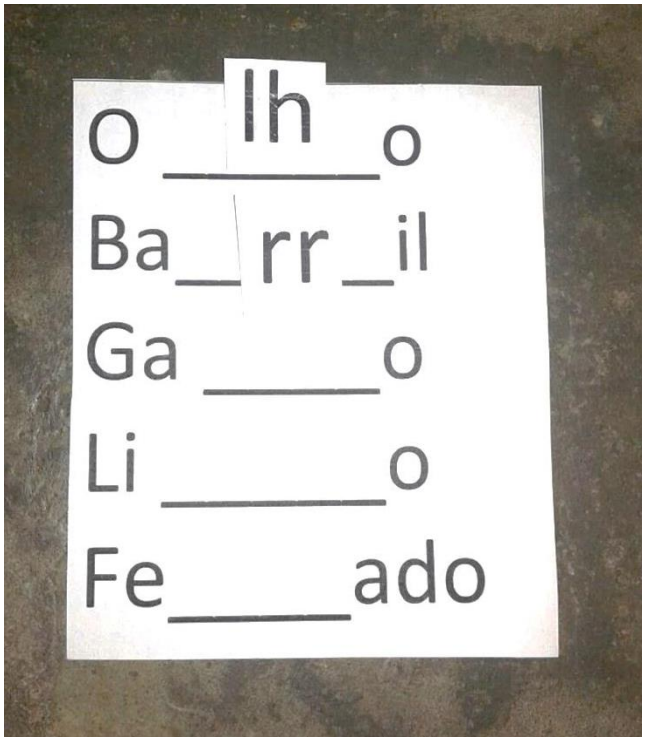
https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http%3A%2F%2F2.bp.blogspot.com%2F_KafaFtnFe88%2FTTzPFF34zII%2FAAAAAAAAfnE%2FFFdR3zPh_KH8%2Fs1600%2FJo%2525C3%2525A3o%2Be%2BMaria%2Bcontar%2Bdoces.png&imgrefurl=http%3A%2F%2Fprofessoraencantada.blogspot.com%2F2012%2F05%2Fatividades-partir-de-historias.html&docid=EdSnBxsNfOvQNM&tbnid=daD05X_q5LIbHM%3A&w=1147&h=1600&bih=606&biw=1236&ved=0ahUKEwiM-qmdsr7NAhXMjJAKHTLkAbIQMwgmKAgwCA&iact=mrc&uact=8. Pesquisado em 23/06/2016.

E o jogo que propus que tem por mesmo objetivo que é a identificação, reconhecimento numérico e somar, no qual denominei de Roleta dos Números, conforme o protótipo abaixo:

A roleta foi feita com os seguintes materiais: papel panamá, lápis de cor, tesoura, cola. Onde cada divisão terá uma pergunta e a resposta estará no desenho.

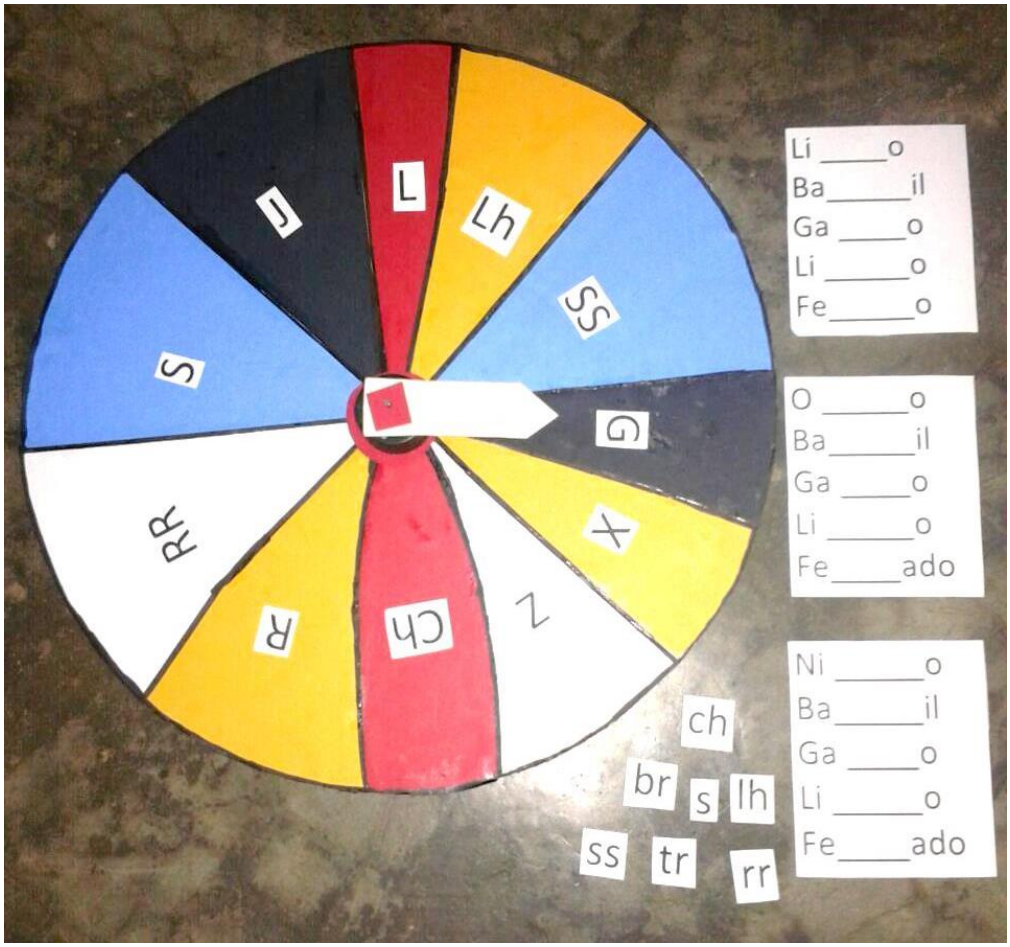
As crianças ficaram bastante empolgadas, elas queriam ficar sempre rodando a roleta. A aplicação do jogo foi da seguinte forma: separei as crianças em grupo, e em cada grupo entreguei uma roleta. Como as crianças não sabiam ler fui fazendo a leitura para elas, estava sempre supervisionando exercendo o papel de mediadora. Elas ficaram bastante animadas e agitadas, disputavam para responder primeiro, falavam alto, era uma bagunça, mas não no sentido de algazarra elas estavam sim brincando, se divertindo e o que é importante também estavam aprendendo a contar, a escrever e identificar números, além delas estarem criando laços de interações sociais. Este jogo é destinado para crianças que estão na educação infantil, em fase de alfabetização.

Outra proposta de jogo de português que elaborei e apliquei em um grupo de alunos das séries iniciais do ensino fundamental, com faixas etárias diferentes entre 9 e 11 anos, que estavam na fase de identificação de dígrafos, de aprendizagem de regras ortográficas; foi da Roleta dos Dígrafos é um jogo competitivo, no qual quem preencher sua cartela primeiro vence. É um jogo também educativo que visa ser um recurso didático para facilitar a aprendizagem dos dígrafos e de questões ortográficas.



Passo 1- fazer as fichas (não podem ser repetidas, cada uma tem que ser diferente) deixando o espaço do dígrafo em branco para encaixar os dígrafos recortados.

Passo 2- recortar vários dígrafos



Fazer a roleta colorida e com vários dígrafos diferentes.

Esta atividade surte bastante efeito, pois as crianças se divertem, ficam animadas com a disputa querendo vencer. Esse tipo de jogo com características de competitivo que é aquele jogo que "quando se colocam os indivíduos em situação de rivalidade, sua aceitação é muito relacionada com o fato de ganhar ou perder" conforme foi definido no dicionário online significados. O que não pode ser a única motivação do jogo, a disputa, mas através disso o professor saber mediar esses conflitos e poder mostrar para os alunos noções de cidadania. Pude observar também a interação entre elas, pois uma criança ficava ajudando a outra que ficava com dúvidas. Através desse jogo pode-se trabalhar o respeito ao próximo quando o outro vencia, o de ser solidário e possibilitar vivências sociais nos alunos.

Quando foi mencionado sobre a definição de jogo competitivo o que o contrapõe é o jogo cooperativo, conforme definição encontrada no mesmo site acima mencionado de forma simples e autoexplicativa que "as dinâmicas em grupo são à base dos jogos cooperativos, que visam despertar a consciência de cooperação entre os participantes, desenvolvendo o sentimento de solidariedade e apoio entre as pessoas". Algo que também é bastante importante incorporar nas atividades lúdicas.

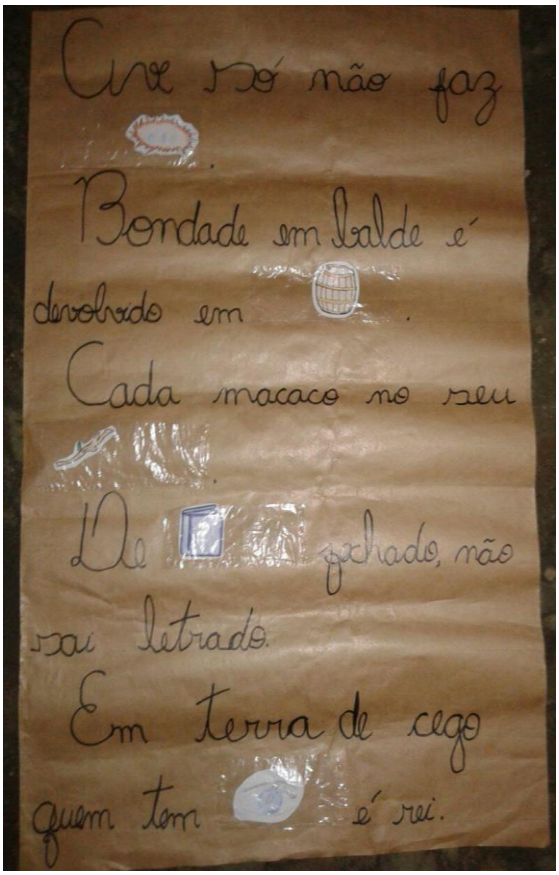
A receptividade das crianças em relação ao jogo das Roletas foi gratificante, elas puderam se expressar de forma natural e aprenderam bastante sobre os dígrafos. De forma que elas preferiram aprender brincando com a roleta do que com atividades que visam somente a repetição, com atividades do modelo abaixo:

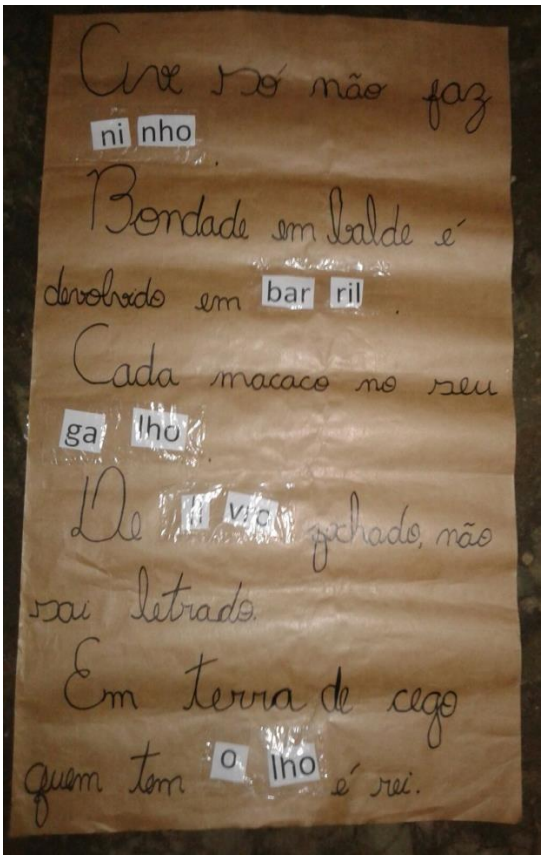
Descubra o segredo e continue:

complete	dígrafo	escreva a palavra
____aneta		
____ocolate		
gali____a		
co____truir		
ca____o____o		
co____eiro		
di____iplina		
fo____ete		
____ator		
ca____oto		
cre____er		
gafa____oto		
a____ogado		
adole____ente		
se____ote		

https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http%3A%2F%2F3.bp.blogspot.com%2F-v1DE3y8T_w4%2FT7mpwZE0U8I%2FAAAAAAAAByg%2FcZXq5zjZMmA%2Fs1600%2FDigrafos%2B6.jpg&imgrefurl=http%3A%2F%2Fwww.professorzezinhoramos.com%2F2013%2F05%2Fo-que-sao-digrafos-diversas-atividades.html&docid=cl6HFyav-S8ryM&tbnid=KQl0BTLvsybdxM%3A&w=877&h=1173&bih=606&biw=1236&ved=0ahUKEwjphIuwz77NAhVKfZAKHYUQAvUQMwgfKAEwAQ&iact=mrc&uact=8, pesquisado em 23/06/2016.

Em relação à aprendizagem dos dígrafos elaborei esta outra atividade:





Passo 1- Com os ditados já escolhidos fazer o cartaz, onde as crianças deverão desenhar e pintar as palavras escolhidas que possuem dígrafos. O professor apresenta o ditado com os desenhos dentro dos bolsinhos de plástico transparente.

Dispor na mesa as sílabas diversas que formam as palavras dos ditados, e pedir para que cada aluno complete o ditado com a palavra correta.

Esta atividade é com a finalidade de aprendizagem dos dígrafos assim como envolver os pais dos alunos, pelo fato que os ditados populares a serem escolhidos serão após os alunos dialogarem com seus pais e indicarem um ditado que seus pais falam corriqueiramente. Este exercício é interessante pelo fato que promove a interação entre pais e alunos, contextualiza a aplicação de palavras que contêm dígrafo na realidade dos alunos.

Elaborei outros recursos didáticos que não pude fazer a aplicação no ambiente escolar, pois a temática dos mesmos não estavam sendo lecionados na sala de aula no período da observação. Eles estarão em anexo com a finalidade de mostrar outras opções de jogos, brincadeiras e atividades lúdicas que podem ser utilizadas e que são baratas e fáceis de serem produzidas, assim como a sua aplicação.

Essas experiências foram importantíssimas para minha formação e para minha prática pedagógica em sala de aula, pois pude perceber como que as crianças aprendem melhor quando existe a inserção do lúdico na prática pedagógica. São momentos alegres, divertidos, elas aprendem brincando. Elas se tornam indivíduos menos introvertidos, com capacidades de interação social, noções de cidadania, com a capacidade de exercitar sua criatividade e a competência de fazer escolhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este presente trabalho acadêmico, tem por objetivo fazer uma análise e conceituação sobre a prática educativa, tendo como suporte o lúdico através dos jogos, brincadeiras e brinquedos como ferramentas para que o educando atinja a autonomia. Baseando-se em conceitos de grandes pesquisadores como Vygotski, Paulo Freire, Kishimoto, Huizinga, Brougère e outros mais.

Tendo como viés a observação da prática pedagógica de educadores que lecionam na rede pública de ensino para a Educação Infantil e do Ensino Fundamental dos anos iniciais, dos quais seguem diferentes tendências pedagógicas, que norteiam suas práticas pedagógicas. No qual um dos professores segue a linha da tendência pedagógica tradicional e o outro a linha da prática educacional problematizadora de Paulo Freire.

Através das observações feitas foi possível fazer a constatação de como a ludicidade em geral facilita o processo de ensino/aprendizagem. O quanto que as brincadeiras e jogos sendo utilizados como meios didáticos são bem aceitos pelas crianças, de forma que elas conseguem aprender o conteúdo brincando.

E da importância do papel do professor nesse processo, como sendo um facilitador da aprendizagem.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Como uma pedagoga recém-formada pretendo atuar na área educacional, de preferência na sala de aula, podendo ser em escolas particulares ou públicas. Pretendo estudar para concursos públicos que tenham vaga para pedagogo. Tenho muita vontade de trabalhar na rede pública de ensino do Distrito Federal, pois acredito que numa escola pública terei mais liberdade em poder criar planos de ensino que envolva a ludicidade, jogos e brincadeiras. Tendo a oportunidade de colocar em prática os conceitos que acredito que possam ser norteadores e facilitadores para que consiga proporcionar aos meus futuros alunos uma aprendizagem de forma libertadora, conscientizadora e criativa.

Depois que já estiver atuando na área pretendo prosseguir me especializando na área, seja com o mestrado ou quem sabe o doutorado.

São sonhos e expectativas que pretendo realizar e me esforçar o máximo para atingir esses objetivos.

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. Os métodos de ensino. In: *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério, 2° grau. Série Formação do professor).

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escola. In: *Democratização da Escola Pública*. São Paulo: Loyola, 1986 (cap. 1).

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2012.

PINO, Angel. A criança, um ser cultural ou da passagem do biológico ao simbólico. In: PINO, Angel. As Marcas do Humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; MARTINEZ, Andreia Pereira de Araújo. Eu fico com as purezas das crianças. Curitiba: Editora CRV, 2014.

SENA, Jacy Pereira. Os jogos e brincadeiras na Educação Infantil- Numa abordagem lúdica e mediadora da aprendizagem. Disponível em http://bdm.unb.br/handle/10483/7879, pesquisado dia 12/06/216.

Referencial curricular nacional para a educação infantil-RCNEI/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Volume I, II e III-Brasília: MEC/SEF, 1998.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de n° 9394 de 1996 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Pesquisado em 08/06/2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. 2º edição. São Paulo. Pioneira, 1998.

Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf , pesquisado em 10/06/2016.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (organizadora) vários autores. Brinquedoteca- o lúdico em diferentes contextos. 6º edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SA, Antônio Villar Marques de. (organizador) vários autores. Ludicidade e suas interfaces. Brasília: Liber Livro, 2013.

HUIZINGA, Johan; [tradução João Paulo Monteiro] Homo Ludens, o jogo como elemento da cultura. 6º edição. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988, disponível em: disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. pesquisado no dia 13/06/2016.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch [tradução Paulo Bezerra]. A Construção do Pensamento e da Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COLEÇÃO PROINFANTIL, 2005, Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/mod_ii_vol2unid1.pdf, pesquisado dia 10/06/2016.

BROUGÉRE, Gilles. Lúdico e educação: novas perspectivas. Disponível em: http://www.gestaoesaude.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/6491/5247, pesquisado dia 14/06/2016.

MATOS, Marcela Moura. 2013. Disponível em :http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2013_1/09_LUD_FOR_EDU_133_142.pdf, pesquisado dia 14/06/2016.

SPADA, Arlenes Buzzato Delabary. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4813/1/2009_ArlenesSpada_Disserta%C3%A7ao.pdf, pesquisado dia 14/06/2016.

DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schimitt. Artigo disponível em: http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev04-16.pdf, pesquisado em 15/06/2016.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2004 n°25.

ASSALI, Michel. Disponível em http://opnorte1.blogspot.com.br/2012/08/o-professor-como-organizador-da.html, pesquisado dia 16/06/2016.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch [tradução Claudia Schilling]. Psicologia Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

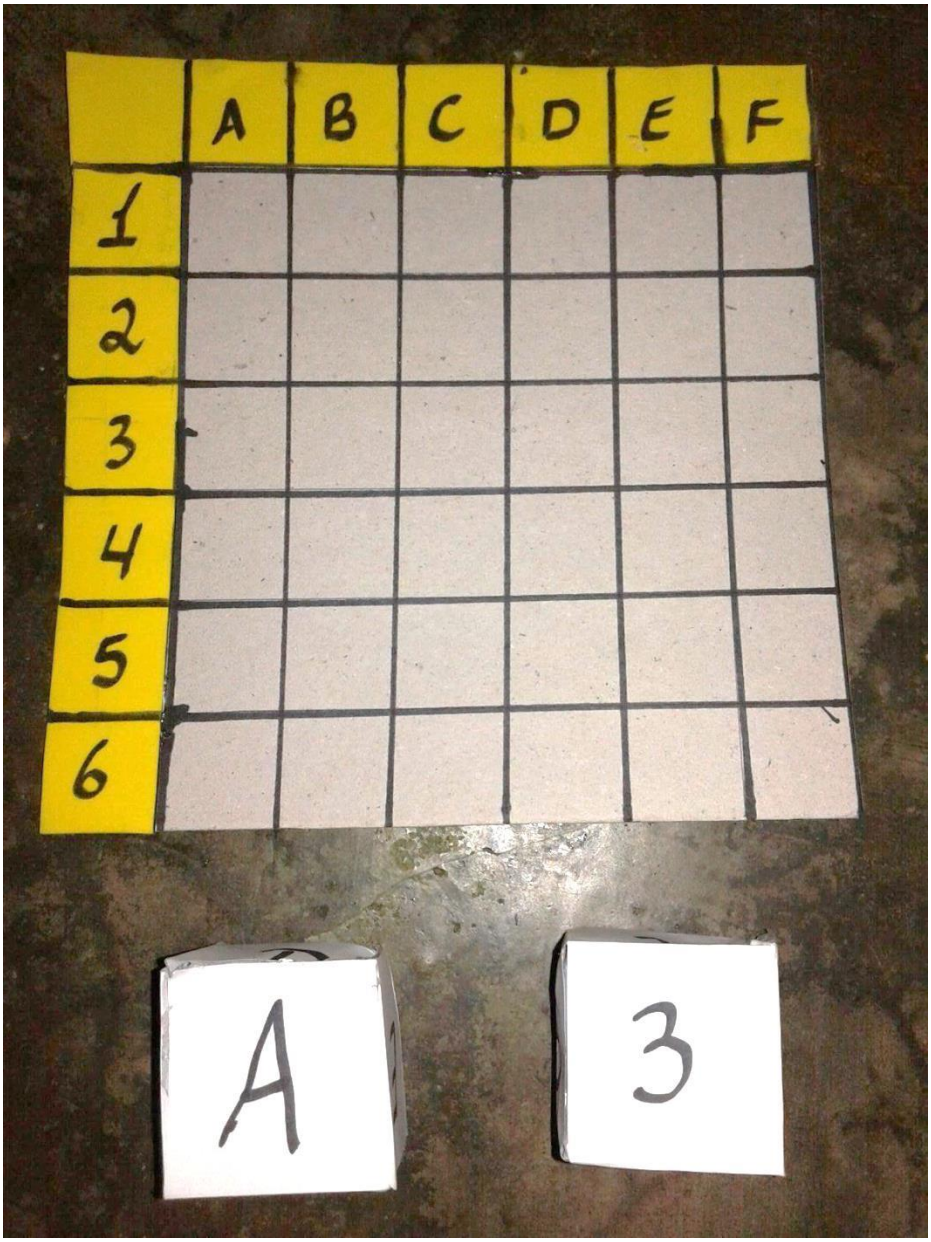
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17ª ed, 1987.

Definição de jogos competitivos e cooperativos. Disponível em http://www.significados.com.br/jogos-competitivos/, pesquisado em 23/06/2016.

DELORS, Jacques (presidente). Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Brasília, julho de 2010. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=14470, pesquisado dia 23/06/2016.

ANEXOS

Jogo das coordenadas geográficas

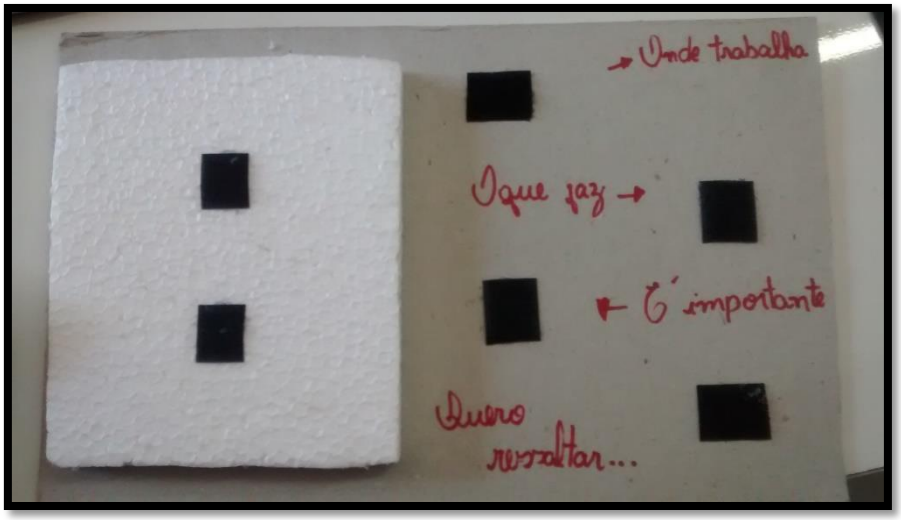


Passo 1- Fazer o tabuleiro conforme a imagem acima, do qual e os dois dado sendo um só com letras e o outro só com números.

Onde a linha com letras será a primeira linha das cadeiras da sala, e a coluna com números será a fila.

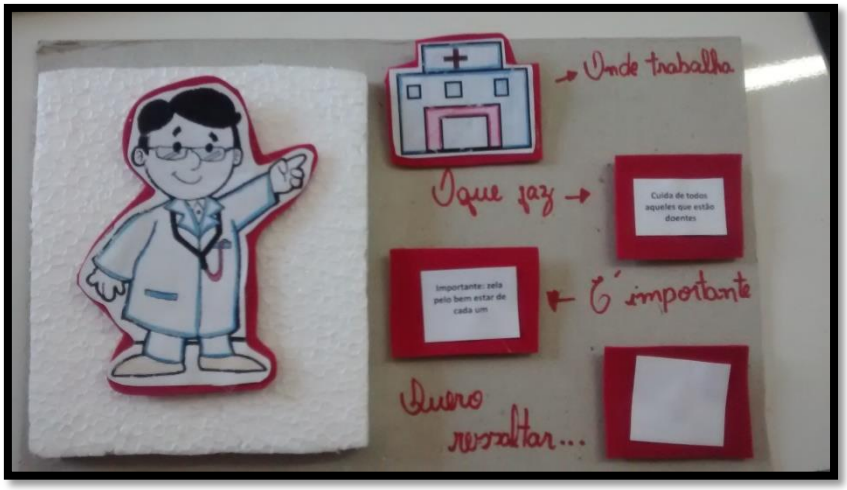
Jogar os dados e identificar qual colega está sentado na coordenada indicada.

Tabuleiro das profissões

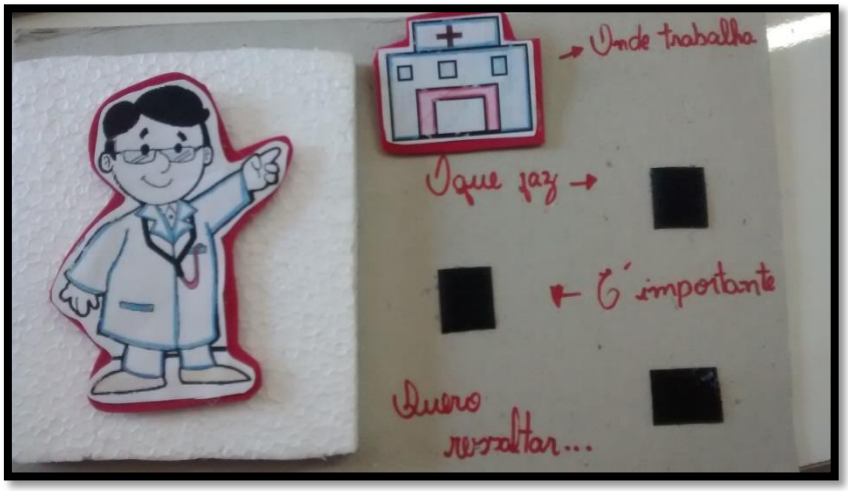


Passo 1- fazer o tabuleiro dessa forma, com a indicação do local onde cada ficha será colocada conforme a designação na lateral. Colar o velcro para que a criança possa grudar a ficha.

Daí desenhar as gravuras para as crianças pintarem, colocar o fundo das gravuras com EVA e com velcro no fundo para grudar no tabuleiro.


Onde trabalha
O que faz
Cuida de todos aqueles que estão doentes
Importante: zela pelo bem estar de cada um
É importante
Quero ressaltar...

ESCOLA
Onde trabalha
O que faz
Importante: fundamental para que todos possam aprender
Ensinar a todos a ler, escrever e mais...
É importante
Quero ressaltar...


Onde trabalha
O que faz
É importante
Quero ressaltar...